



O INDIVÍDUO PÓS-HUMANO E A MODA

The post-human individual and fashion

Castilho, Bianca Neves Milani de; Mestranda no Programa Têxtil e Moda na Universidade de São Paulo, biancanmilani@gmail.com

Resumo: Neste artigo será apresentado por meio de pesquisas teóricas, um estudo sobre como as implantações de tecnologias com o propósito de melhorar a condição humana podem trazer à discussão novos aspectos da contemporaneidade, incluindo, o indivíduo pós-humano e como este corpo se constituir no universo da moda, analisando o desdobramento de questões a respeito da busca por um ideal de corpo perfeito.

Palavras-chave: Moda, pós-humano, corpo, transhumanismo.

Abstract: In this article will be presented through theoretical research, a study about how the implantation of technologies with the purpose of improving the human condition can bring to the discussion new aspects of contemporaneity, including the post-human individual and how this body is constituted in the fashion's universe, analyzing the unfolding of questions regarding the search for a perfect body ideal.

Keywords: Fashion, post-human, body.

Introdução

A Moda permite ao sujeito a possibilidade de transformação e identificação por meio do vestuário, desde a criação à construção de uma identidade e, na contemporaneidade, o corpo transforma-se em um instrumento de moda que o indivíduo pode produzir a imagem que desejar optando não apenas pelo vestuário, como também por utilizar cosméticos e procedimentos estéticos para alterar e aperfeiçoar seu corpo.

Neste cenário em que o sujeito depara-se com o encantamento gerado pelas transformações que a tecnologia pode oferecer, e também pela ideia de



progresso defendida pelos teóricos da filosofia transhumanista, na qual, dentre muitas definições está no incentivo ao indivíduo em buscar a extensão de seu corpo, seja somando à sua saúde, como também aprimorando as faculdades intelectuais por meio do desenvolvimento científico, permitindo que essas extensões transcendam a ideia do ser humano comum, para um ser trans-humano ou pós-humano.

O indivíduo pós-humano faz parte de um contexto em que a imagem de um ser ciborgue híbrido de máquina e organismo pode se tornar possível, e assim, o conhecimento do aprimoramento do corpo, modificado e remodelado, visando o melhoramento das capacidades humanas.

Hoje em dia, as nossas vidas são apenas em parte biológicas, não havendo nenhuma fronteira intransponível entre o orgânico e o tecnológico, o mundo do carbono e o do silício. Talvez não saibamos ainda para onde estamos rumando, mas não há como negar que já deixamos para trás o lugar que ocupávamos (MAX, 2017, p.55).

A partir desses questionamentos sobre a possível existência de um indivíduo pós-humano, pode-se fazer uma reflexão de como esta situação pode vir a interferir nos mais diversos campos da moda, repensando o jeito de criar e recriar o corpo nesse universo *fashion*. Para isto será utilizada a método de pesquisa bibliográfica, auxiliando a construção do texto com base em livros, artigos de revistas e reportagens retiradas da internet.

O Indivíduo pós-humano e a moda

A Moda vem sendo objeto de reflexão e pesquisa desde o século XIX e atualmente vem sendo discutida por diferentes áreas como economia, sociologia, filosofia e até mesmo psicologia, visto que, permeada pelo universo cultural, a moda não está apenas ligada ao vestuário, mas sim ao universo que constitui o sujeito, possibilitando observá-lo além da roupa.





É importante ressaltar que a área de atuação da moda – que vai muito além da função de suprir abrigo para o corpo – estende-se para o lado psicológico do indivíduo, deixando transparecer parte de seus interesses, preferências e temperamento (...) a moda é utilizada para explicitar a identidade, o estilo de vida e o grupo a que o sujeito pertence. (PIRES, 2005, p.76).

A lógica que a moda estabeleceu no âmbito cultural, tornando fundamental a inserção do indivíduo em um sistema capaz de permitir que o sujeito se transforme e se modifique assumindo formas aleatórias e distintas, e assim, de acordo com Sigmund Bauman (2015), esse sistema permite a mudança de identidade com a frequência que a pessoa desejar em um tempo quase imperceptível, visto que os produtos de consumo estão mais acessíveis, possibilitando a aquisição de uma infinidade de identidades através do consumo de símbolos.

A moda não se restringe apenas ao vestuário, mas também, ao universo que constitui o sujeito, de acordo com a pesquisadora Cristiane Mesquita (2004, p. 15), “a ideia de ‘moda subjetiva’, ou seja, o vestuário como uma das variáveis que se ligam à constituição do sujeito (...) está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos, assumida e vivida por indivíduos em suas experiências particulares”, isto é, o indivíduo possui múltiplos fragmentos permeados por esferas de aspectos culturais, políticos, econômicos, afetivos, entre outros, e que de certa forma, são elementos involuntários.

É possível considerar que, os artigos de moda podem transmitir significados manifestados por meio da subjetividade do indivíduo na composição de narrativas e expressões. A moda tem a capacidade de condensar e traduzir sensibilidades da própria cultura individual, indicando como cada pessoa se identifica particularmente frente à sociedade ou como deseja ser identificada e afirmando que através da vestimenta o sujeito encontra instrumentos capazes de construir a imagem correspondente as suas



particularidades.

Moda é sonho que veste a realidade, é desejo, atitude, expressão pessoal e disfarce. Moda é imagem, constrói imagens, confunde-se com imagens da mídia, constrói-se com as imagens de marketing (MESQUITA, 2004, p.31).

É por meio do contexto midiático repleto de imagens e informações que o sujeito constitui a sua subjetividade dentro do consumo, a indústria da moda oferece diversos meios do indivíduo “encontrar-se” através do ato de consumir, e oferece uma infinidade de opções e estilos para definir quem essa pessoa quer ser naquele momento da vida ou simplesmente naquele dia ou momento. E a sociedade contemporânea é regida por um sistema de valores e proposições de vida, assinala Rubia Sant’Anna (2009), pois, o indivíduo está incorporado no ato de consumir imagens, utilizando os objetos de consumo através da relação implícita pela subjetividade e não apenas pelas suas “funcionalidades explícitas”.

Com o advento da tecnologia, as informações chegam aos consumidores de forma veloz principalmente por conta da internet, assim sendo, o fluxo de interesse é aumentado pelo desejo de consumir o “novo”, essa rápida tomada de informação gera o envelhecimento precoce dos objetos, e é nesse contexto que o princípio da moda está inserido, uma vez que, é necessário tornar o objeto supérfluo para que um novo tenha chance (SVENDSEN, 2010).

A moda assumiu o papel de operador chefe da transformação da mudança constante em norma do modo de vida humano (...) E a atual forma do fenômeno da moda é definida pela colonização e exploração, pelos mercados de consumo, desse aspecto eterno da condição humana (BAUMAN, 2013, p.28).

Esse é o cenário onde o consumo se estabelece em virtude do “novo” ser extremamente valorizado, e a moda se beneficia dessa valorização, pois,



ela cria símbolos de identificação com as mais diversas formas de consumo, por meio das imagens e de campanhas do mercado do vestuário, o ato de consumir torna-se irresistível para o consumidor de moda, criando um agente diferenciador para motivar os consumidores a desejar determinado produto capaz de lhes oferecer bem-estar e prazer. Essa relação de desejo e contentamento gerado pelo consumo também está relacionado ao anseio de pertencer a um determinado grupo e de distinguir-se das massas (BAUMAN, 2013).

É importante salientar que, o vestuário (roupas, calçados, acessórios) é uma das ferramentas de construção de identidade do indivíduo, porém, não a única forma. O corpo faz parte da moda e, de acordo com o filósofo Lars Svendsen (2010, p.85), “o corpo tornou-se um objeto de moda especialmente privilegiado. Ele parece ser algo plástico que pode mudar constantemente”. Para o autor, o corpo é como uma lousa branca e que todas as experiências e vivências podem ser ali escritas nas mais variadas manifestações corporais.

O ser humano possui uma relação bem intrigante com o seu próprio corpo e com a imagem que se constrói, e essa relação pode ser constituída por meio da moda. Para Mesquita (2004), pode-se notar na sociedade contemporânea o forte apelo por expressão individual, também abordado pelo filósofo Gilles Lipovetsky (1989) como “era do individualismo”, pois, esse desejo de diferenciação torna-se mais possível e acessível no corpo por meio de alterações corporais, ou como o autor salienta, pelas roupas, pois, são mais visíveis e atingíveis e podem ser substituídas facilmente. No entanto, com o passar dos anos, o corpo tem feito parte desta lógica de mudanças e experimentações, tatuagens antes vistas como permanentes, hoje podem ser retiradas e não apenas modificadas com novos desenhos em cima, cirurgias



dos mais diversos tipos tornam-se mais comuns ao consumidor que deseja alterar o seu corpo, tornando assim, cada vez mais comuns alterações nele.

O corpo humano, outrora considerado (erroneamente) como obra da natureza – evocando-nos, por isso, a ideia de algo intocável -, passa agora, principalmente devido aos avanços tecnológicos e científicos, a representar, de forma contundente, um misto entre o inato e o adquirido. Pertencendo a uma sociedade globalizada na qual é cada vez mais difícil a sobrevivência de características próprias, sejam estas individuais, sejam sociais, e em que tudo é descartável e mutável, o indivíduo adquire a opção de construir seu corpo conforme seu desejo (PIRES, 2005, p.18).

Portanto, o corpo torna-se objeto de modificações, podendo utilizar das mais variadas técnicas como tatuagens e piercings que estão entre as mais comuns, até procedimentos cirúrgicos como, implantes de silicones, lipoesculturas (técnica que remove a gordura de diversas partes do corpo), entre outros. O desejo de constituir um corpo “perfeito” vem sendo disseminado pelas mídias, o indivíduo contemporâneo é bombardeado por uma série de alternativas que o ajudaram na construção de um corpo idealizado. Há um grande número de academias, suplementos que melhoram o desempenho físico, remédios que facilitam a perda e o ganho de peso, massagens modeladoras e mais uma série de procedimentos.

A bióloga e filósofa Donna Haraway (2009) escritora do famoso ensaio *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, explica que, em virtude da intensa conexão do indivíduo contemporâneo com a tecnologia – de dispositivos tecnológicos como celulares e computadores à suplementos que melhoram a saúde e o bem-estar – transformou-se em um ciborgue. O capítulo “você é ciborgue” do livro *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* organizado por Tomaz Tadeu (2010, p.24), a filósofa Hari kunzru comenta a conversa com Haraway em que ela diz considerar-se uma ciborgue, de acordo com a bióloga, “vive-se em um “mundo de redes entrelaçadas – redes que são em parte humanas, em



parte máquinas”. A carne e o metal estão conectados, e conceitos como natural e artificial tornaram-se obsoletos. Para Haraway, o cotidiano é uma experiência ciborguiana, pois, desde as tecnologias de uma fábrica com máquina, o dia-a-dia em um escritório com as redes de computadores à “dançarinos em um clube, luzes, sistema de som – todos são construções ciborguianas de pessoas e máquinas” (2010, p.24).

De acordo com Tomaz Tadeu (2010, p.10), na pós-modernidade a sociedade se depara com o questionamento sobre os ciborgues, salientando a fronteira que a separação entre máquina e organismo, isto é, “onde termina o humano e começa a máquina”, para o autor a realidade é que o ciborgue está presente na contemporaneidade, visto que a sua presença não causa estranhamento, pelo contrário, é considerado normal.

Os ciborgues vivem de um lado e do outro da fronteira que os separa (ainda) a máquina do organismo. Do lado do organismo, seres humanos se tornam, em variados graus, “artificiais” Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos (TADEU, 2009, p.11).

Para Tadeu (2009), essas tecnologias que envolvem o universo “ciborguiana” podem reedificar funções e substituir órgãos e também membros perdidos através de próteses, bem como criar criaturas pós-humanas, que são aparentemente iguais aos seres humanos, entretanto, melhoradas em seu funcionamento. Este aprimoramento apresentado pelo autor está em congruência com o argumento de Haraway sobre o ciborgue, pois, através de implantes, transplantes, enxertos, próteses, até mesmo, modificações genéticas, vacinas, criam-se seres “artificiais”, o sujeito pode transformar-se em ciborgue, e assim, ultrapassar as limitações e as fragilidades humanas.

Esse indivíduo modificado e melhorado por meio da tecnociência contemporânea tem a ambição de superar todas as limitações biológicas, isto é, “romper obstáculos orgânicos que restringem as potencialidades e as

7



ambições dos homens” (SIBILIA, 2002, p.49). Esses obstáculos são representados pelas ambições do homem, as quais correspondem ao “eixo temporal da existência”, colocando os estudos à disposição do homem em busca de vencer as barreiras do envelhecimento e a morte, essa concepção de sujeito é classificada como é chamado de existência pós-humana, representada pelo conceito de superação da condição humana por meio da tecnociência.

As pesquisas acerca da biotecnologia, não se restringem apenas a melhorias de produtos da indústria dos cosméticos ou próteses para deficientes. Não estão apenas no campo da extensão e amplificação das capacidades do corpo humano, de acordo com a antropóloga Paula Sibilia (2002), estas pesquisas apontam para um anseio de transcender a vocação ontológica, através das ferramentas oferecidas pela tecnociência. Na contemporaneidade, a tecnociência redefine as fronteiras do indivíduo, pois, ela altera as leis, “subvertendo a antiga prioridade do orgânico sobre o tecnológico e tratando os seres naturais preexistentes como matéria-prima manipulável” explica Sibilia (2002, p.50).

Os estudos a cerca do desenvolvimento da espécie humana são incentivados pelo movimento trans-humanista, o qual vem se desenvolvendo nas últimas décadas através de pesquisadores interessados no desenvolvimento da qualidade de vida humana. O pesquisador Francisco Rüdiger (2008, p.146), explica que o termo trans-humanismo, foi usado por Julian Huxley em 1957 para expressar a ideia de “transcender às circunstâncias de forma global e permanente”, concluindo que o homem continuaria a ser homem, entretanto, com novas possibilidades para a natureza Humana. De acordo com Nick Bostrom (2005), a ciência aplicada, a inteligência artificial, entre outros métodos tornam possível o aprimoramento da



natureza humana, facilitando o aumento da longevidade da vida expandindo as capacidades físicas e intelectuais.

O pensamento de que os humanos devem utilizar as tecnologias para melhorarem seu desenvolvimento é promovido pelos trans-humanistas, os quais argumentam que os indivíduos deveriam ter o poder de escolha quanto ao que desejam aplicar em si próprios, e que não cabe a nenhuma instituição decidir por eles, isto é, estes pesquisadores defendem que os benefícios para humanidade serão evidentemente valiosos.

A concepção de um indivíduo trans-humano é a mesma do pós-humano, ambos sugere de superação das capacidades humanas, autores como, e há diversas nomenclaturas como as citadas acima, porém, todas possuem significados similares, apenas mudando os conceitos em alguns casos. Para demonstrar a importância do conhecimento do indivíduo pós-humano, Bostrom (2005) apresentada em seu artigo “Em defesa da dignidade pós-humana” dois temores que para o autor são considerados infundados:

Uma é a de que o estado de ser pós-humano poderia, por si só, ser degradante, de forma que ao nos tornarmos pós-humanos, estaríamos prejudicando a nós mesmos. A outra é a de que pós-humanos poderiam representar uma ameaça aos humanos “comuns” (BOSTROM, 2005, p.5).

O autor defende que os trans-humanistas contra argumentam que as “dádivas da natureza” são alteradas, e por assim dizer corrompidas, conseqüentemente não deveriam ser aceitas sempre. Doenças mais conhecidas como câncer, envelhecimento, deficiências, são “dádivas” que as pessoas não aceitam, pois a natureza do indivíduo as rejeitam devido ao potencial devastador desses problemas.

Para Diego Calazans (2011), o acréscimo à condição humana está na busca de “curar” o envelhecimento, e eliminar as doenças hereditárias,



concentrando-se em ampliar artificialmente as capacidades da espécie. O autor acrescenta que as tecnociências não apenas dão origem aos humanos cada vez mais intrínsecos às máquinas, como também, desenvolvem máquinas cada vez mais humanas.

A antropóloga Paula Sibilia (2002) e o filósofo João de Fernandes Teixeira (2010), acreditam em que poderá surgir um novo processo de evolução, isto é, em virtude da rápida expansão dos meios tecnológicos que buscam a melhoria do humano, desde os estudos sobre o genoma até próteses avançadas que ampliam as capacidades humanas, o processo natural da evolução da espécie será substituído pela “evolução tecnológica”, para Sibilia (2002, p.15), “a evolução tecnológica seria dez milhões de vezes mais veloz do que a evolução biológica”, para a autora, a tecnociência possibilitará uma evolução muito mais rápida do que a natural, permitindo que o indivíduo seja pós-orgânico – nomenclatura utilizada pela autora para definir o sujeito modificado -, dando suporte a esse pensamento, Teixeira (2010, p.12), defende que poderá existir um mundo pós-evolutivo, no qual, os humanos se tornarão híbridos de máquina e organismo, de acordo com o autor, “há quem prefira chamar esse mundo de pós-humano ou mundo da convergência neurodigital. Mas eu prefiro chama-lo simplesmente de pós-evolutivo”, o autor completa que, haverá uma conexão entre o homem e a máquina, podendo assim surgir novas filosofias e inclusive, o jeito de pensar o homem.

Para Tadeu (2009, p.13), “a máquina nos faz questionar aquilo que caracteriza o humano: a matéria que somos feito”, pois, a subjetividade do ciborgue, desse ser metade máquina metade homem, submete o ser a repensar sua realidade deslocando-a para outra esfera, visto que, faz-se necessário pensar como esse indivíduo se localiza no meio em que vive, de que forma, ele se vê em seu contexto cultural.



Esta discussão do indivíduo pós-humano e ciborgue foi apresentada este ano pelo estilista e diretor criativo da marca Gucci, Alessandro Michele. A marca trouxe às passarelas uma coleção inspirada no Manifesto do Ciborgue de Donna Haraway.

O estilista buscou inspiração no modo como a autora constrói o ser ciborgue em seu ensaio, pois, este não é definido pelo seu sexo, ele não está inserido nas políticas atuais, ele faz parte de um novo corpo social. O desfile da coleção de inverno 2018 da marca aconteceu em um cenário inspirado em uma sala de cirurgia, a qual, dali pode-se sair do jeito que desejar. De acordo com o estilista na reportagem da revista Elle (2018):

Gucci Cyborg é pós-humana: tem olhos nas mãos, chifres de fauno, filhotes de dragão e cabeças duplicadas. É uma criatura biologicamente indefinida e culturalmente ciente. O último e extremo sinal de uma identidade miscigenada em constante transformação. O símbolo de uma possibilidade emancipatória por meio da qual podemos decidir nos tornar quem somos (<https://ele.abril.com.br/blog/visoes-de-vivi/tem-dragao-bebe-e-manifesto-ciborgue-na-gucci-ta-confuso/>).

Nesta coleção, Alessandro Michele buscou o universo lúdico dos dragões de estimação, das bolsas copiando a cabeça da pessoa e da modelo com três olhos, afirmando que, na atualidade tudo é possível, o sujeito pode optar ser quem ele quiser e também, da forma que quiser.

Figuras 1 e 2 – Desfile da coleção de inverno 2018 Gucci

14º COLÓQUIO DE MODA

14º Colóquio de Moda - 11ª Edição Internacional
13º Fórum das Escolas Dorotéia Baduy Pires
5º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda



Fonte: <https://elle.abril.com.br/blog/visoes-de-vivi/tem-dragao-bebe-e-manifesto-ciborgue-na-gucci-ta-confuso/>

Este desfile dá suporte à ideia apresentada por Pires (2005, p.82), de que a moda está em toda lugar, para a autora, “a moda se apropria de todas as tendências e de todos os temas, tecnológicos, científicos, políticos, artísticos, etc.” Desta forma, compreende-se o grande impacto que a moda pode ter na vida e também no imaginário coletivo. Ao ser produzido um desfile como este da marca Gucci em que é colocado em discussão um tema normalmente situado nos campos científicos e filosóficos, a moda transcende seu valor de roupa para o terreno do debate sobre a possibilidade do indivíduo pós-humano, o qual, não utiliza apenas da roupa para se expressar, mas também, dos



instrumentos tecnológicos para modificar sua aparência física da forma que desejar.

O processo de desenvolvimento protético é um dos caminhos para o futuro pós-humano, os mais diversos dispositivos permitiriam um sujeito com capacidades diferenciadas, como também com uma estética ciborguiana.

A hibridização comentada anteriormente, pode ser exemplificada na revista National Geographic na edição de Abril de 2017, em seu artigo *O próximo humano*, o jornalista D. T. Max apresenta o caso de Harbisson, um irlandês que não consegue enxergar nenhuma cor. Para que a sua situação mudasse, o irlandês buscou um cirurgião que, criou um dispositivo eletrônico capaz de apresentar as cores por meio dos sons.

Esse sensor de fibra óptica é capta as cores na frente de Harbisson, e um microprocessador, implantado no seu crânio, converte as frequências de onda das cores em vibrações na parte posterior da cabeça. As vibrações por sua vez, viram frequências sonoras, fazendo do seu crânio uma espécie de terceiro ouvido (...) Sobre a pele rosada havia uma placa retangular, com duas âncoras. Em um implante conectado ficava o microprocessador vibratório. (MAX, 2017, p.34).

No artigo, o autor comenta que a antena localizada na cabeça de Harbisson o transforma em um ser de aspecto único, e suas habilidades com esse dispositivo ultrapassaram a de um humano comum, pois agora por exemplo, ele consegue distinguir sensores infravermelhos ou até marcações ultravioletas, permitindo a ele não apenas curar um problema, como também superar as capacidades humanas. Neste artigo, o assunto de uma evolução acelerada por meio da tecnologia é trazido, mostrando que as modificações feitas pelo DNA são o caminho para um humano mais inteligente.

Outro exemplo, a cantora Viktoria Modesta, que ficou conhecida por sua apresentação nas paraolimpíadas de Londres em 2012, atualmente, vem defendendo em diversos meios de comunicação as possibilidades que a

13



ciência e a tecnologia podem proporcionar à favor do corpo humano. A cantora teve a perna amputada em 2007 com o objetivo de melhorar a sua condição devido a uma série de problemas.

Para Viktoria, sua nova condição permitiu que ela estabelecesse uma nova relação com o seu corpo, e com o desenvolvimento tecnológico, ela poderá ter novas experiências com o seu corpo. Em entrevista concedida ao site futurism.com¹, a cantora comenta que: “Agora pense que você deve ser capaz de moldar tudo ... você deve ser capaz de transcender seu corpo físico e deve ser capaz de recriar tudo de dentro para fora”, pois para a cantora, a integração entre ciência e tecnologia concebe novas formas de exprimir a subjetividade de cada um por meio do corpo.

Viktoria Modesta fez uma parceria com a designer holandesa Anouk Wipprecht, construindo um trabalho que uniu arte, moda e tecnologia. Wipprecht é conhecida por seus projetos em “fashiontech” – a combinação entre design de moda e engenharia, ciência e tecnologia – focando a interação da roupa e do corpo com o usuário. As roupas criadas pela designer são uma espécie de invólucro corporal que “respiram, se movem e reagem ao ambiente ao redor deles”².

As criações de Anouk Wipprecht fazem parte de um cenário em que não só é possível pensar no humano transcender as suas capacidades por meio apenas da tecnologia direta ao corpo, como também, a roupa permitindo que isso aconteça de forma mais sensorial e mais tecnológica.

¹ Título da matéria - World's first bionic pop artist: you should be able to transcend your body (<https://futurism.com/worlds-first-bionic-pop-artist-you-should-be-able-to-transcend-your-physical-body/>)

² Citação retirada da homepage da designer Anouk Wipprecht - <http://www.anoukwipprecht.nl/about-me-shift/#bio>



Figura 3. Viktoria Modesta vestindo criação de Anouk Wipprecht



Fonte: <https://www.3ders.org/articles/20170917-anouk-wipprecht-bionic-pop-artist-viktoria-modesta-teams-up-to-create-3d-printed-interactive-sonic-wearables.html>

O indivíduo pós-humano faz parte de um contexto em que o corpo diferenciado com capacidades melhoradas se funde com uma estética ciborgue. Próteses das mais variadas constituem um possível futuro de um corpo pós-humano. Podendo ser apresentado nas mais diversas formas, com variados procedimentos, o corpo numa era pós-humana de acordo com os pesquisadores da área pode ser construído e reprogramado, sem dúvida, será um corpo que transcenderá os limites humanos, e esta estética poderá trazer à moda e aos seus criadores, o interesse de recriar partes do corpo humano e não mais apenas roupas e acessórios. Certamente este cenário pode ser um tanto perturbador e confuso, mas se os mais diversos defensores dos estudos trans-humanistas, como também, os interessados na estética “biônica” conseguirem propagarem este discurso, será provavelmente o início de uma



nova era do corpo, em que não apenas deficientes utilizaram próteses, bem como, pessoas “normais” também virarão adeptas destes novos meios de modificações corporais.

Considerações Finais

A tecnologia vem progressivamente tornando-se um elemento indispensável na sociedade contemporânea. Durante anos estudos foram apontando as possíveis modificações que seriam realizadas através do desenvolvimento tecnológico, inclusive a defesa da concepção de uma existência guiada por melhoramentos tecnológicos no corpo humano, gerando o indivíduo pós-humano. Para muitos pesquisadores, estes estudos apresentaram-se como algo perturbador, entretanto, inegavelmente relevantes, visto que, as conquistas tecnológicas das últimas décadas têm transformado significativamente a sociedade pós-moderna.

Não restringindo-se apenas em áreas científicas, o indivíduo pós-humano surge na moda em um desfile apresentando uma nova coleção, até no dia-a-dia com pessoas que buscam nos mais diversificados processos de modificações corporais, transcender seus limites por meio de próteses e novos dispositivos tecnológicos.

Portanto, por meio destes estudos, a compreensão de uma realidade pós-humana ou trans-humana torna-se imprescindível para os dias atuais e, como os empreendimentos tecnológicos afetam todos os campos da vida do indivíduo contemporâneo, colocando-o em um cenário de questionamento sobre os benefícios da junção homem e máquina, e também, de como este sujeito por meio de sua subjetividade pode alterar seu corpo com o auxílio tecnológico.



A moda, com o seu amplo alcance nas mídias em geral, permite que o sujeito se identifique com essa nova concepção de humano. O indivíduo pós-humano faz parte de um cenário lúdico, que por meio de instrumentos dos mais variados, pode vir a tornar-se um ciborgue de fato, híbrido de máquina e organismo, isto é, caso os empreendimentos científicos focados na melhoria do corpo continuem progredindo e, tenham a divulgação necessária para atrair o interesse da sociedade.

Certamente, é preciso que a ficção científica dê lugar à realidade, pois até então, essas ideias são comumente apresentadas nesse gênero literário e trazido à filmes. No entanto, o crescimento de grupos de pessoas que incentivam essas pesquisas, e demonstram a importância de aliar a tecnologia ao desenvolvimento humano, pode fazer com que o indivíduo pós ou trans-humano vire uma realidade no futuro.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BROSTOM, Nick. **Em defesa da dignidade Pós-Humana**. Faculdade de Filosofia, Universidade de Oxford. Disponível em: <http://www.nickbostrom.com/translations/Dignidade.pdf>

CALAZANS, Diego. **Condição Pós-Humana como Condição Pós-Corpórea**. Sergipe: Revista de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/812/709>

LIPOVETSKY, Gilles. **O império efêmero: A moda e seu destino em sociedades modernas**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAX, D. T. **O próximo humano: Mais que humano**. National Geographic, nº205. Abril 2017.





MESQUITA, Cristiane. **Moda Contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis.** São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SANTAELLA, LUCIA. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

SANT'ANNA, Maria Rúbia. **Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo.** Estação das Letras e Cores, 2009.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **A mente pós-evolutiva: a filosofia da mente no universo do silício.** Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

WHITEMAN, Vivian. **Tem dragão-bebê e manifesto ciborgue na Gucci. Tá confuso... a gente explica!** Revista Elle online: 21 de Fevereiro 2018. Disponível em: <https://elle.abril.com.br/blog/visoes-de-vivi/tem-dragao-bebe-e-manifesto-ciborgue-na-gucci-ta-confuso/>